CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ (PARTE IV)
16 e 22 de maio de 2025

THE HANGMAN / 1959
(*O Carrasco*)

Um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / *Argumento*: Dudley Nichols, baseado num conto homónimo de Luke Short / *Produção*: Frank Freeman Jr. (Paramound Pictures) / *Gestão de Produção*: Don Robb / *Assistência de Realização*: Charles C. Coleman / *Som*: Hugo Grenzbach, Winston Leverett / *Música*: Harry Sukman / *Direção de Fotografia*: Loyal Griggs / *Montagem*: Terry Morse / *Direção Artística*: Henry Bumstead, Hal Pereira / *Guarda-roupa*: Edith Head / *Interpretações*: Jack Lord (Johnny Bishop/John Butterfield), Robert Taylor (U.S. Marshall Mackenzi Bovard), Fess Parker (Sheriff Buck Weston), Tina Louise (Selah Jennison), Gene Evans (Big Murph Murphy), Mickey Shaughnessy (Al Cruse), Mabel Albertson (Amy Hopkins), Shirley Harmer (Kitty Bishop), Jose Gonzalez Gonzalez (Pedro Alonso), Frank Richards (Zimmerman), Nelson Leigh (Col. Hammond) / *Cópia*: Digital, a preto-e-branco, falado em inglês com legendas eletrónicas em português / *Duração*: 87 minutos / *Estreia Mundial*: 5 de março de 1959, Nova Iorque / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira passagem na Cinemateca*.

***

Típico *western* moral dos anos 50, onde se contam títulos de referência dentro desse subgénero tais como **High Noon** (1952) de Fred Zinnemann, **Silver Lode** (1954) de Allan Dwan e **The Raid** (1954) de Hugo Fregonese. O filme de Curtiz não está à altura destes títulos mas é uma muito curiosa e sofisticada desconstrução da narrativa em que um homem se vira contra uma comunidade (ou em que uma comunidade se vira contra ele), extraindo deste combate, após poucas ou nenhumas balas serem disparadas, uma lição importante sobre a condição humana. O conflito principal, neste argumento com assinatura de Dudley Nichols (**The Informer** [1935] e **Stagecoach** [1939]), desenrola-se nessa "great divide" que separa a moral da justiça, a confiança-no-próximo do dinheiro e, enfim, a verdade da mentira. Neste caso, a "lei está errada", pois o alegado criminoso procurado pelo marechal, conhecido como "O Carrasco", interpretado com panache por Robert Taylor, é, talvez, a pessoa mais estimada por todos e cada um dos que pertencem a essa comunidade perdida no Arizona. Desiludido com a humanidade, na crença de que toda a gente se vende por uns quantos tostões, o marechal Bovard acha que facilmente dará com o paradeiro do fugitivo, que responde por um novo nome e, casado e empregado, leva uma vida honrada nessa localidade habitada por pessoas outrossim trabalhadoras e honestas. Para isso, espera que a ex-amante do fugitivo o identifique – e ao longo de algumas cenas *aguarda* de facto por ela –, permitindo a rápida detenção que levará ao consequente julgamento e quase inevitável condenação (à morte).

O xerife local, Buck Weston, serve, em certa medida, de "grilo falante" da narrativa, dando a entender, nas entrelinhas do que diz ao marechal Bovard, que nem toda a gente se vende por dinheiro e – ousamos depreender – que nem sempre a lei é justa. Conflitos semelhantes podem ser encontrados nos títulos acima citados – e muito mais recentemente no brilhante último filme de Clint Eastwood, **Juror #2** (2024) – mas aqui a narrativa vai sendo cuidadosamente desenrolada, como um novelo, tornando esse jogo de enganos ou de "mentiras justas" no seu principal apelo. Este é um *western* praticamente sem disparos – na realidade, o único tiro falha

(propositadamente) o alvo – com uma premissa e primeiro ato dignos de um *film noir*, já que a antiga namorada do fugitivo, Selah Jennison, vem desestabilizar a pacífica comunidade com a beleza que Deus lhe deu e ao mesmo tempo mostra saber jogar como ninguém este *poker game* entre a verdade e a mentira. A revelação principal do enredo – quando percebemos o esquema de Jennison – transforma o *western* de premissa e exposição *noir* numa comédia *screwball*, quase digna de um Howard Hawks, nomeadamente quando essa suposta *femme fatale* ("suposta", pois é, na verdade, uma *woman in distress*) usa as algemas para se agrilhoar ao marechal, numa manobra delatória que o impede de ir atrás do procurado criminoso. Esta interação, erótica quanto baste, entre Taylor e Louise, confere uma temperatura especial a este filme. No fundo, Bovard sabe "the right thing to do", para bem de todos e sabe como o fazer (está aqui a fina ironia do final quase delirante) em nome não da lei mas do amor. Fazer justiça para lá do texto da lei é fazer justiça em nome dos sentimentos que – por muito que não confesse, por muito que "minta a si mesmo" – acalenta por esta insinuante e determinada "mulher de armas".

A principal arma aqui é retórica, consiste no poder de dizer não ("pensar é dizer não", dizia o filósofo Alain) ou de dar com uma mão e rapidamente tirar com a outra. Este é tanto um duelo com a lei como um duelo com o coração. No meio deste enredo de mentiras justas, de vítimas que são carrascos e de carrascos que são vítimas, o final, como dizia, é perto de delirante: a aprendizagem do marechal foi conseguida, com este a desistir não só da busca pelo homem-não-tão-culpado-quanto-isso como do seu próprio *métier*, acedendo, deste modo, à lição transmitida pelo xerife, de que há pessoas boas neste mundo. Ao mesmo tempo, num *royal flush* surpreendente, com Curtiz, em certa medida, a forçar o *happy ending* à intriga, Bovard acaba por ficar com a miúda. Veja-se como Taylor, quase *out of character*, acena, a bordo da charrete, para o pobre xerife (e para nós, espectadores, desfazendo a quarta parede) desejando-lhe um bom porvir, isto depois de lhe ficar com a donzela, como que lha arrancando dos braços. Não deixa de ser dos "arrebates" românticos mais cínicos de que tenho memória, atestando uma certa marca de ironia ou mesmo de "gozo pós-moderno" que fará parte de muitos *westerns* lançados nas duas décadas seguintes, nomeadamente com a chancela da Cinecittà. *Alla matriciana*.

Luís Mendonça